

Narana Coissoró

GANDHI, O ACTIVISTA DA PAZ



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

GANDHI, O ACTIVISTA DA PAZ

AUTORES

NARANA COISSORÓ

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-303-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2017

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

GANDHI, O ACTIVISTA DA PAZ

Narana Coissoró

Resumo:

M.K. Gandhi tornou-se *barrister* em Londres, mas foi sempre um agitador e líder social e político, primeiro na África do Sul, tendo começado aí as suas experiências de *Satyagraha*, com grande êxito. Regressou definitivamente à Índia em 1915, tendo-se tornado um excepcional líder das massas populares, vivendo, trajando-se e procurando pensar como um “intocável”. Através do amplo conceito de Verdade (não-violência e desobediência civil ou não cooperação) e interlocutor privilegiado dos vice-reis da Índia, tornou-se a voz mais importante no combate ao imperialismo inglês, exigindo imediatamente o estatuto de domínio e, logo depois, de independência total. Foi assassinado na capital da Índia independente aos 80 anos.

Abstract:

M.K. Gandhi became a barrister in London, but he has always been an agitator and a social and political leader, first in South Africa, where he experienced great success leading his *Satyagraha* experiments. He returned for good to India in 1915 and became an exceptional leader of popular masses, as he lived, dressed and tried to think like an “untouchable”. Through his wide concept of Truth (non-violence and civil disobedience or non-cooperation) and the fact that he became a privileged interlocutor for the Viceroy of India and the most important voice in the fight against English imperialism, as he immediately requested the status of dominion and, soon after, total independence. He was assassinated in the capital of independent India at the age of eighty.

1. Mohandas Karamchanda Gandhi nasceu na pequena cidade de Porbandar no atual Estado indiano de Guzerate em 2 Outubro de 1869, filho da quarta mulher, Putlibai, de Karamchanda Gandhi, que era o *diwan*, (Administrador Geral) do principado de Rajkot na península de Katiavad. O cargo de *diwan* era quase hereditário e pertencera já ao seu avô Uttamchand. O pai Karamchanda casou-se pela primeira vez aos 14 anos, enviuvado, quando tinha 25 adquiriu segundo casamento, que terminou também com o falecimento do cônjuge. Destas suas duas mulheres, teve duas filhas, uma de cada uma, das quais nada se sabe até hoje. Como a terceira mulher não podia ter filhos devido a uma doença incurável, com o consentimento conjugal, Karamchanda foi autorizado a casar-se pela quarta vez quando tinha cerca de 45 anos e a noiva uma jovem adolescente. Deste último casamento nasceu uma filha em 1862, Raliath, que viveu mais de 100 anos, tendo assistido ao assassinato do seu irmão, Mohandas. O segundo filho, Laksimandas, nasceu em 1863 e, depois da morte do pai, seria o maioral da família, olhando pelo futuro de Mohandas, este o último filho do casal.

Os Gandhis eram remediados e viviam numa pequena casa que ficava entre dois templos. O Montya, como era tratado em família o Mohandas, diz do seu pai: «o meu pai era um homem de palavra, generoso, com grande sentido de missão, incorruptível e determinado. Granjeou respeitabilidade na família e no meio em que vivia. Nunca teve ambição de amealhar dinheiro, nem nos deixou qualquer património. Não tendo educação formal, possuía uma vasta experiência de vida que lhe permitiu resolver os complexos e intrincados problemas do principado e gerir centenas de súbditos. Homem devoto, frequentava diariamente os templos vizinhos, ouvia no fim do dia as prédicas dos sacerdotes e em casa, antes de se deitar, recitava algumas passagens da Bhagwat-gita. A minha mãe era uma religiosa ortodoxa, “respirava religião”, observando escrupulosamente todas as regras. A imagem que trago dela na memória é da sua “santidade”». Gandhi herdou de seu pai a determinação, a incorruptibilidade, o bom senso e a noção do serviço público, e da mãe, o respeito inquestionado pela religião, devoção e ascetismo. Do jainismo predominante na sua região de origem aprendeu que toda a vida é criação de Deus e, por isso, sagrada em todas as suas formas. Tudo isto fez parte do código genético de Mohandas Gandhi.

2. As condições em Porbandar para uma criança se instruir eram muito rudimentares. O pequeno Montya aprendeu o alfabeto Gujarati com o dedo, escrevendo no pó do chão e, embora tivesse sido aplicado, foi sempre considerado um aluno sofrível, o que não satisfazia os pais, porque queriam que ele viesse a ocupar o lugar de *diwan* depois da morte do pai. Na escola e fora dela Montya era uma criança solitária, não brincava com os companheiros, preferindo longas caminhadas. Na escola secundária, teve as primeiras travessuras da adolescência, começou a fumar às escondidas em companhia de um primo e, para comprar cigarros, teve que surripiar uma ou outra vez algumas moedas das algibeiras dos familiares e mesmo dos criados. À medida que o gosto pelo tabaco ia sendo exigente teve que recorrer a formas mais elaboradas de arranjar dinheiro e recorreu até ao pequeno furto de uma medalha de ouro do seu irmão. Tentou entrar num bordel, e influenciado por um amigo que dizia que

para vencer os ingleses era preciso ser tão forte como eles. Isto só se podia alcançar comendo carne e bebendo álcool, e assim Montya transgredia as regras religiosas. Aos 13 anos os pais arranjaram-lhe um casamento tradicional com Kasturba, menina da mesma idade e sua vizinha de rua. Anos mais tarde diria Gandhi deste casamento: «duas crianças inocentes, juntas uma à outra e lançadas no oceano da vida». Montya levou muito a sério o seu papel de marido, exigindo respeito e submissão a Kasturba, era ciumento e desconfiado, e como ele próprio se lembra, pensava todo dia nela na escola, esperava pelo cair da noite para estar ao seu lado e abundar na luxúria e sexo. Naturalmente chumbou nesse ano, mas trabalhou muito para ganhar o tempo perdido e passou à tangente no exame de admissão à Universidade de Bombaim. Quanto às suas tropelias de adolescência, cedo se arrependeu de tudo quanto tinha feito, pediu por escrito perdão ao pai, já muito doente e acamado, e jurou que nunca mais tornaria a repetir tais comportamentos. E assim fez, na verdade.

3. A morte do pai, exatamente quando acabava de entrar na universidade, tornou urgente a escolha de um curso com vista ao futuro profissional de Mohandas.

A família vivia já com dificuldades financeiras, pois desaparecera a única fonte de rendimento, a pensão de reforma do pai Karamchanda. O irmão Laksimandas tornou-se o maioral da família, com a obrigação de olhar pelo futuro de todos os dependentes. Pensou-se que Mohandas podia ser médico, mas a sua fraca qualificação e horror à vivisseção fecharam-lhe este caminho. Para ser *diwan* em algum dos principados, os amigos e vizinhos da família consultados pelos dois irmãos recomendaram que, em vez de fazer um curso em Bombaim, seria melhor cursar Direito em Londres e tornar-se um *barrister*, ou seja, advogado. Laksimandas vendeu as mobílias e com algumas rupias que o pai lhe deixara, arranjou o capital necessário para Mohandas rumar a Londres. A mãe, depois de muita hesitação, só consentiu na sua partida se ele lhe jurasse solenemente que durante a sua estadia fora da Índia não tocaria na carne, no álcool e nas mulheres, juramento este feito e escrupulosamente cumprido por Mohandas.

A 7 de Junho de 1888, aos 18 anos, Gandhi chegou a Londres e matriculou-se no *Inner Temple*. Desse modo começava a segunda fase da sua vida, fundamental para a formação da sua personalidade, pois a primeira fora totalmente dominada pelos seus pais. Em casa e no seio da sua família, Montya aprendeu a obedecer aos mais velhos, o culto da religião, o cumprimento do dever moral, a força do arrependimento, a vontade de retomar o caminho certo depois de cada desvio, a firmeza nas convicções, o respeito por si próprio, o cumprimento das promessas, o profundo sentido de solidariedade familiar, a ligação fidelíssima à sua mulher Kasturba, a vontade de entrega entusiástica ao serviço público e amor à sua terra natal.

4. Em Londres, Gandhi aproveitou ao máximo a sua estadia de três anos. Aprendeu o inglês, estudou o latim e, sempre respeitando as juras feitas à mãe, procurou integrar-se na sociedade cosmopolita de Londres que ele considerou sempre o centro da civilização. Houve um período em que se vestiu a preceito como *gentleman* vitoriano, praticou a etiqueta, tomou lições de oratória, que cedo abandonou, matriculou-se nas

lições de dança, tentou aprender o violino, hospedou-se em casa de famílias burguesas, e convidou, como era costume aos domingos, a sua anfitriã a jantar nos restaurantes. Neste treino de “anglicização” gastou muito mais do que lhe era permitido segundo as contas do irmão. Reconheceu, porém, que este modo de vida não lhe trazia nenhuma felicidade interior. O seu grande problema em Londres continuava a ser o da alimentação porque não queria tocar na carne. Durante muito tempo viveu de pão, fruta e vegetais crus, até que um dia descobriu, durante as suas longas caminhadas por Londres, um restaurante vegetariano em Farringdon Street, onde encontrou um livro em defesa do vegetarianismo. Foi como se lhe abrissem as portas do céu. Entrou imediatamente para a London Vegetarian Society, tomou parte nas suas reuniões, escreveu regularmente no jornal *The Vegetarian Messenger* e mais tarde foi eleito secretário executivo da sociedade. Num destes restaurantes vegetarianos Gandhi ouviu pela primeira vez os versos de Bagwat-Guita, na tradução inglesa de Edwin Arnold. E também foi nestes círculos que conheceu as proeminentes personalidades como Edward Carpenter, George Bernard Shaw, Annie Besant, que mais tarde fundaria a Associação para Governo Próprio da Índia e seria uma das proeminentes figuras do Congresso Nacional Indiano. Josiah Oldfield introduziu-o na leitura da Bíblia. Gandhi escreveu mais tarde que o Velho Testamento fazia-lhe sono, ao contrário do Novo Testamento que o atraiu imenso, particularmente o sermão da montanha. Charles Bradlaugh quis conquistá-lo para o ateísmo, e foi também neste meio dos vegetarianos que Gandhi, agora com 21 anos, assistiu aos debates sobre o capitalismo, a sociedade industrial e seus malefícios, o culto da vida simples, a superioridade dos valores morais sobre os materiais, a dicotomia cooperação/conflito. Aos poucos foi enriquecendo a sua formação intelectual, revigorando as convicções morais. Quando terminou o seu estágio forense e era já *barrister*, Gandhi revelava já uma estrutura mental sólida e uma personalidade perfeitamente definida.

5. É verdade que durante os anos de Londres nunca proferiu um único discurso. A propósito, justifica na sua autobiografia: «não tinha coragem para falar em público... não era capaz de ler alto o meu próprio documento. A minha timidez acompanhou-me durante toda a minha estadia em Inglaterra, mesmo quando comparecia às reuniões sociais calava-me diante da presença de meia dúzia de pessoas ou mais». Como sempre, Gandhi transforma esta timidez numa autêntica virtude e explica: «embora a timidez me tivesse exposto a situações ridículas, acho que foi de grande valia: o facto de vacilar ao discursar em público, traz-me agora um certo prazer, visto que me ensinou a ser económico nas palavras. Aos poucos adquiri o hábito de restringir os meus pensamentos, e posso afirmar que raramente uma palavra escapa de minha pena ou de minha boca que não tenha sido ponderada. A experiência ensina que o silêncio faz parte da disciplina espiritual para a procura da Verdade, consciente ou inconscientemente é uma fraqueza do homem, e o silêncio é necessário para que se possa superar estes momentos. Um homem de poucas palavras raramente dirá algo impensado num discurso; medirá antes cada palavra. A minha timidez, na verdade, serviu-me de escudo e proteção, pois me fez crescer e auxiliou-me no discernimento da verdade».

6. Que Gandhi fez da sua timidez o seu escudo e a sua grande arma podemos certificar no testemunho escrito trinta anos depois pelo vice-rei da Índia, Lord Reading, em 1921 na carta enviada ao Lord Montegu, secretário de Estado da Índia: «Gandhi veio visitar-me, no seu *dhoti*, e o bivaque de algodão cru branco (chamado “*Gandhi topi*”), descalço, e a primeira impressão que me causou quando entrou no meu gabinete é de que nada havia nele que atraísse a minha atenção ou de quem quer que fosse. Mas quando ele fala, a impressão é totalmente diferente: ele é direto, expressa-se bem no excelente inglês, com a fina apreciação do valor das palavras que usa. Não há a mínima hesitação e há um halo de sinceridade no que diz. As suas convicções religiosas são genuínas, acredito eu, e mostra-se certo dos seus princípios que roçam o fanatismo, como julgar que a não-violência e o Amor darão à Índia a sua independência e provocarão, deste modo, a queda do império britânico. Suas ideias religiosas e morais são admiráveis e atingem um ponto alto, embora eu confesse que acho muito difícil que isso lhe sirva de alguma coisa na política».

7. O regresso do advogado Gandhi à sua terra natal foi uma grande desilusão. A sua mãe já não era viva, o irmão Laksimandas, que tinha arranjado o dinheiro para o manter em Londres, estava na penúria, à espera que o Montya chegasse para, em Bombaim, abrir o escritório, ganhar dinheiro e ajudar a família. Com efeito, o lugar do *diwan* no principado estava já ocupado. A experiência da advocacia em Bombaim foi um fracasso. Não conseguiu defender bem um único cliente que teve numa causa simples e o mercado da advocacia estava abarrotado de *waqils* locais. Tentou dar aulas numa escola secundária, mas aborreceu-se poucos dias depois. A sua sorte foi encontrar um grande empresário indiano, estabelecido na África do Sul, que o contratou como advogado avençado por um ano para trabalhar em Durban, juntamente com os advogados europeus que Dada Abdulah contratara por causa de um litígio que se arrastava há anos nos tribunais contra o seu primo para cobrança de uma dívida de 40 mil libras. Além disso, trabalharia na firma de Dada na correspondência em inglês. A oferta não era muito estimulante, mas Gandhi aceitou-a para ir viver num país diferente e remeter algumas economias para a sua mulher e dois filhos, e ajudar o irmão.

8. Começava agora na África do Sul a fase decisiva da elaboração da sua doutrina da não-violência (*ahimsa*) e desobediência civil, e pô-la em acção. Ao chegar a Durban, Gandhi viu-se colocado perante grandes desafios, que também lhe abriam grandes oportunidades para a sua afirmação pessoal como condutor de homens. A discriminação racial na África do Sul contra os indianos, a exploração dos trabalhadores indianos contratados na Índia (os *coolis*), o tratamento desumano dado aos mineiros e as ofensas diárias nas ruas por parte de qualquer branco, mesmo de baixa extração, indignaram vivamente o recém-chegado advogado. Não tardou nada que fosse expulso de uma carruagem de 1.^a classe, apesar de ter o bilhete, e atirado por um guarda ferroviário para a plataforma da estação com a sua mala; outra vez foi empurrado para o meio da rua porque estava no passeio reservado aos europeus; foi várias vezes invetivado e advertido que nunca podia viajar sem ser na carruagem de 3.^a classe

reservada aos negros e *coolis*. Era tratado como *sami*, nome pejorativo atribuído aos indianos pelos brancos.

Gandhi, tanto na Índia como em Londres, nunca se imiscuíra na política, não tinha sequer lido um jornal com atenção, ou tivera qualquer discussão sobre os problemas políticos. Mas, como que por um milagre, perante as agressões verbais e físicas e o tratamento insultuoso a que era sujeito, tornou-se subitamente, aos 25 anos, um combatente determinado e eficaz das liberdades e dignidade dos indianos que viviam na África do Sul.

9. Foi para este efeito que Gandhi elaborou a sua doutrina de *Satyagraha*, designação do sânscrito que significa “a força da verdade” e que englobava a *não-violência*, a *desobediência civil* e a *não-cooperação*. Era uma estratégia política com um apelo a valores morais e religiosos e ao mesmo tempo uma prática das suas convicções para obter resultados definidos. O *Satyagraha* não é a clássica resistência passiva, porque esta última expressão está conotada com procedimento meramente negativo, sendo considerado muitas vezes um instrumento dos fracos. A desobediência civil, na concepção Gandhiana, é uma hostilidade desafiadora, uma resistência despida de inimizade — odeia o pecado mas não o pecador. O *Satyagraha* define-se pelos elementos positivos: a declaração prévia dos objetivos delimitados que devem ser conhecidos do adversário; o anúncio da tática utilizada; a vontade de convencer o adversário sem nunca o considerar inimigo; aguentar todo o sofrimento necessário de bom grado; nunca desistir ao meio uma vez começada a acção; ter um compromisso de honra para não humilhar a parte contrária; e alcançar o resultado almejado sem nunca haver nem vencedor nem vencido.

10. A experiência do *Satyagraha* foi aplicada na África do Sul principalmente para rejeitar as leis do registo obrigatório dos indianos, com o cartão de identificação que devia conter até as marcas dos dez dedos das mãos, impunha a proibição de circular em determinadas zonas e territórios. Gandhi decretou a desobediência civil a estas leis. Milhares de indianos saíram para a rua, rasgaram as notificações que tinham recebido para se irem registar, fizeram piquetes à porta dos postos criados para o efeito para impedir a entrada dos receosos e mantiveram esta atitude ativa de protesto durante semanas. O governo do General Smuts, em Pretória fez o costume: mandou carregar sobre os marchantes provocando centenas de feridos, prender outros tantos, aplicando multas ou, em alternativa, prisão com trabalho forçado. Gandhi, como tinha dito aos seus seguidores, em vez da multa preferiu a prisão e o trabalho forçado. Por outro lado, houve greves, encerramentos de lojas indianas, e desobediência estendeu-se não só às leis do registo como ao pagamento dos impostos que os indianos deviam pagar se quisessem continuar na África do Sul depois de terminados os seus contratos.

11. O movimento cresceu como uma mancha de azeite, as marchas eram imparáveis em cada cidade, os piquetes tornavam-se cada vez maiores com novos militantes, viam-se mulheres ativamente nos protestos, e a causa tornou-se um exemplo para os africanos e até para os operários europeus. O movimento teve grande

repercussão não só na África do Sul como na imprensa britânica, americana e, principalmente, indiana. Os líderes do Congresso Nacional Indiano apoiaram o Mohandas Gandhi e exigiram explicações do Vice-Rei da Índia e do Governo britânico. Perante a magnitude dos acontecimentos e sua repercussão internacional, o Vice-Rei da Índia decretou o fim dos contratos de trabalho dos indianos para se deslocarem à África do Sul e, logo depois, o General Smuts prometeu a Gandhi que modificaria a lei tornando o registo voluntário em vez de obrigatório, sem as impressões digitais e sem a menção da proibição de circulação em certas zonas, como aliás propusera Gandhi logo no início do movimento para chegar a uma plataforma de entendimento. Entretanto, enquanto as negociações estavam em curso, os trabalhadores europeus das minas declararam a sua própria greve, o que trouxe o caos e a anarquia a todo o país. O governo da África do Sul viu-se obrigado a cumprir o que tinha prometido a Gandhi e foi modificada a lei, pondo assim termo ao movimento de desobediência civil. Era grande a vitória do *Satyagraha*, de Gandhi e da causa das comunidades indianas.

Com a nova legislação, os indianos já estavam agora preparados, depois de quinze anos de luta contínua sob a liderança de Gandhi, a defenderem-se eles próprios contra novas e eventuais leis discriminatórias porque já tinham aprendido o modo de resistir à opressão dos governos racistas.

Gandhi pensou o seu trabalho principal estava feito e regressou à Índia definitivamente a 9 de Janeiro de 1915. É certo que a discriminação racial na África do Sul não terminou em 1915 e só teria o seu fim com a independência da República da África do Sul, que se verificou no fim do século XX, mas para Gandhi, a sua experiência de *Satyagraha* tinha sido um verdadeiro triunfo.

Quando Gandhi fez 75 anos, o General Smuts fez esta declaração: «Devo admitir francamente que as suas atividades me criaram na altura sérios embaraços. O seu método consistia deliberadamente em infringir a lei, e em organizar os seus partidários num movimento de massas. Criou-se, assim, nas províncias de Transval e Natal, um ambiente emotivo, tumultuoso e desconcertante; um grande número de indianos foi preso por comportamento ilegal e o próprio Gandhi teve — o que sem dúvida desejava — um período de sossego e tranquilidade na cadeia. Para ele tudo parecia desenvolver-se de acordo com um plano próprio. Para mim — defensor da lei e da ordem — obrigou-me à situação de ter de aplicar uma lei que não podia ter qualquer apoio público até que finalmente me senti derrotado quando tive de revogar a mesma lei.»

12. Gandhi era conhecido, respeitado e desejado na Índia. Quando chegou, foi recebido com as devidas honras por todos os líderes veteranos do Congresso Nacional da Índia. Tagore atribuiu-lhe imediatamente o título de *Mahatma*, O Magnânimo. E não é de admirar que pouco depois tenha entrado para o Congresso em lugar cimeiro, onde provocou um verdadeiro terramoto. A primeira coisa que fez foi transformar o Congresso, que era uma espécie de clube restrito da elite indiana anglicizada, numa organização de massas, aberta a todo o povo indiano, o que provocou uma mudança radical das políticas a seguir para o futuro. Exigiu a todos os líderes que até aí usavam o

traje ocidental e falavam inglês nas suas reuniões para substituir por trajes indianos e o hindi como língua de trabalho em todas as reuniões. Ele próprio, Gandhi, que já abandonara o fato ocidental nos finais da sua estadia na África do Sul, adoptou o *dhoti*, metro e meio de algodão cru tecido no tear de roda da sua própria casa, substituiu os sapatos por sandálias, adoptou o hábito de viajar unicamente na 3.^a classe do caminho-de-ferro como todos os indianos pobres, passou a viver numa casa sem mobiliário dormindo no chão sobre uma tábua estreita, como numa casa típica de camponeses pobres. Na presidência do Congresso, fez aprovar uma resolução que obrigava todos os dirigentes a trabalhar durante uma hora e meia no tear de roda para produzir o fio de algodão, o que ao mesmo tempo era um exercício de disciplina; as reuniões passaram a ser “à indiana”, sentados no chão nas esteiras, de pernas cruzadas, encostados às pequenas almofadas e com uma mesinha em frente. Dentro em breve, organizaria o movimento da queima dos tecidos importados, que produziu o enorme entusiasmo entre os estudantes, e por todas as cidades viam-se as piras em chamas onde as senhoras ricas queimavam os seus saris bordados importados e os homens se desfaziam dos seus fatos e gravatas.

12. A camisa longa e calças brancas ou o pano, tudo de algodão (*khadi*) tornou-se o uniforme do nacionalista indiano, e também pela sua generalização apagou as diferenças de vestuário e de sinais exteriores entre ricos e pobres, castas altas e baixas, homens e mulheres, professores e estudantes, viúvas e casadas, empregados e empregadores, brâmanes e intocáveis, porque todos deviam apresentar-se do mesmo modo, com toda a simplicidade. Por outro lado, a produção do fio e do pano de algodão em cada aldeia dava emprego e rendimento, mesmo que pequeno, a todos os habitantes que, com a sua venda, podiam comprar os artigos de primeira necessidade. Era também um ataque direto às importações da indústria britânica de têxteis no seu mais vasto mercado, que era a Índia. Mais tarde, Gandhi e o Congresso exigiriam medidas protetoras para têxteis indianos face aos congêneres ingleses, e melhores preços para as matérias-primas exportadas da Índia. Dizia Gandhi que esta forma de substituir tudo o que era inglês e estrangeiro por produtos indianos e utilizar a língua hindi como língua oficial do Congresso era uma forma de educar as pessoas no culto dos seus valores próprios, formando a consciência nacional, e de interiorizar a sua indianidade em substituição das identidades regionais ou religiosas, e acabar com as divisões comunalistas e sociais. Era a teoria do *nation building*, como diríamos hoje. Repare-se que Gandhi nunca tocou no sistema de castas, mas apenas tentou abolir a intocabilidade dos párias, a quem chamou *harijan* (povo de Deus), nunca fomentou quaisquer ataques contra os grandes proprietários de terras, pedindo a estes tão somente, e por sua livre vontade, que cedessem parte dos seus terrenos para os mais necessitados, sem que estes últimos adquirissem quaisquer direitos de propriedade sobre os terrenos emprestados. Pediu aos industriais que não explorassem os seus próprios conterrâneos pobres, os operários, e nunca lhe passou pela cabeça defender a nacionalização ou expropriação de quaisquer empresas ou indústrias quando a Índia fosse independente. Era uma forma de tranquilizar as classes altas e a burguesia dos negócios. Também era uma forma de levar o movimento para a totalidade dos indianos, independentemente das suas diferenças

internas, contra o império britânico, cujo resultado foi a inundação do Congresso Nacional Indiano, em muito poucos anos, de escritos de todas as categorias sociais. Os ricos nunca regatearam as suas dádivas ao Gandhi para os seus *ashrams* ou ao Congresso e vieram muitas vezes em defesa das famílias cujos chefes tinham sido levados para a prisão. Gandhi obrigou os dirigentes do Congresso a calcorrearem o interior da Índia, a conhecerem as aldeias, a falarem para os pobres, tomarem contacto com a realidade. Como dizia, cada indiano só depois de conhecer bem a vida dos camponeses é que poderia ser um bom nacionalista porque só assim estaria em condições de os representar e falar por eles quando a Índia se tornasse independente. É errado pensar, acrescentava, que afastar rapidamente os ingleses era por si só suficiente para tornar a Índia livre. Nada mais errado, exclamava! «Toneladas de discursos não são suficientes para nos prepararmos para a substituição dos ingleses no governo da futura Índia livre. Precisamos de acção e não de palavras.» E, dirigindo-se aos estudantes, incitava-os a trabalharem nas terras, para eles incógnitas. «Viajem na 3.^a classe! Ouçam as suas conversas. Durmam onde eles dormem. Comam o que eles comem. Trabalhem como eles trabalham. Sofram como eles sofrem... E só depois desta experiência é que vos tornareis verdadeiros indianos e tereis então o direito de exigir a independência real da Índia.» Era esta a mensagem que difundia através, entre outros, do seu jornal *Young Indian* e propagava as suas ideias por todo o país.

13. Gandhi agiu, na sua acção em prol da Índia, simultaneamente em três frentes: primeiro no seu *Satyagaha ashram*, fundado perto da sua cidade natal Ahamadamad, onde passou a residir juntamente com a família, discípulos, todos aqueles que o seguiam, os militantes nacionalistas que queriam aprender as virtudes do *Satyagaha* e modo de agir perante as injustiças, e alguns intocáveis. No *ashram* recebia os seus amigos, indianos e estrangeiros, os jornalistas, e escrevia os seus artigos aos diversos jornais e ao *Young Indian*, e correspondia com as personalidades conhecidas de todo o mundo. Jejuava uma vez por semana e mantinha-se silencioso às segundas-feiras, comunicando-se com os outros apenas com pequenas notas de papel escritas a lápis. A outra actividade era as suas frequentes visitas às aldeias indianas, principalmente onde havia conflitos, ou era chamado pelos líderes locais. Organizava ali, quando necessário, os protestos e os movimentos do *Satyagraha* contra as autoridades europeias ou os proprietários indianos iníquos. Ensinava os trabalhadores a recorrerem à luta e o modo de desenvolver as negociações para chegar a soluções de compromisso sem vencedores nem vencidos.

14. Em 1930 Gandhi era a *towering figure* de toda a Índia e um líder incontestado, aceite e admirado por quase todos os indianos. Com o movimento de não cooperação queria provocar a paralisação das instituições inglesas. «Não é por causa dos canhões britânicos, mas devido às nossas próprias imperfeições que continuamos sujeitos ao poder abusivo estrangeiro», escrevia no seu jornal *Young Indian*. Os indianos não deviam cooperar nas assembleias legislativas provinciais criadas durante a chamada “diarquia constitucional”, nos tribunais, repartições, deixando os ingleses sozinhos a gerirem o seu próprio aparelho repressivo colonial.

Este programa entusiasmou o país, principalmente os jovens, quebrou o medo da força britânica e, ao mesmo tempo, lançou milhares de *satyagrahis* no movimento de desobediência às leis e incitou-os a entrarem nas prisões aos milhares como mera afirmação do dever para com a mãe Índia. O movimento tinha atingido o seu pico quando, numa pequena aldeia da Índia Oriental, designada Charui-Choura, rebentou a violência, e os manifestantes atacaram os polícias ingleses e atearam fogo às esquadras e às repartições, matando e ferindo as autoridades europeias e colaboradores indianos. Gandhi ficou profundamente decepcionado e deu imediatamente ordens para terminar a campanha de desobediência civil em todo o país, decisão que não foi bem recebida por outros dirigentes do Congresso porque achavam que seria difícil reacender a chama e os milhares de presos sentir-se-iam revoltados por terem sido desmerecidos por causa de um pequeno incidente. Apesar disso, Gandhi foi condenado a dois anos na prisão como incitador dos acontecimentos, mas teve que ser libertado para ser operado a uma apendicite aguda. O movimento de independência parecia ter entrado no refluxo e passividade e temia-se que a violência alastrasse para outras partes da Índia. O próprio Congresso dividiu-se entre aqueles que queriam cooperar com os ingleses para fiscalizar melhor a administração inglesa no regime de diarquia constitucional, como era o caso de Motilal Nehru, pai de Jawaharlal, e outros que, como Gandhi, preferiam a não cooperação. Para evitar a cisão do Congresso, Gandhi admitiu o princípio de que os indianos apenas entrariam como oposição e não ocupariam ministérios provinciais.

15. Gandhi queria retomar a iniciativa dos novos *Satyagrahas* de massas. Concebeu a célebre “grande marcha de sal”, a chamada “grande marcha de Dandi”. Enviou ao Vice-Rei da Índia a sua agenda de onze pontos, em que enumerava todas as leis iníquas que deviam ser revogadas, bem como um pedido de “Conferência” para avançar com o plano de concessão de independência à Índia como domínio dentro do império, passo prévio à independência completa. Também o avisava de que no dia 12 de Março de 1930, caso não tivesse resposta satisfatória, começaria o movimento de desobediência civil. Na falta de resposta do Vice-Rei, Gandhi saiu do seu *ashram* no dia previsto, acompanhado de 78 discípulos escolhidos para alcançar a praia de Dandi, que ficava a 400 km do seu *ashram*. Os nomes destes primeiros marchantes foram publicados no *Young Indian* para conhecimento da polícia. A desobediência civil era para não cumprir a lei do sal, que obrigava os indianos a pagarem um imposto na compra desta substância vital e, daí por diante, cada um seria livre para tirar da água do mar o sal necessário para o seu consumo. À medida que a marcha ia avançando, juntavam-se seguidores a todo o momento, e no fim da primeira semana, o mundo inteiro tinha conhecimento dela, contando já com alguns milhares de caminhantes. Por toda a Índia não se falava de outra coisa e em muitas localidades os habitantes arranjaram as suas próprias marchas para desafiar as leis dos impostos que consideravam injustos. A marcha de Dandi contava já com mais de 100 mil pessoas, quando no fim de 24 dias chegou ao mar depois de percorrer 400 km. Terminada a marcha, o governo efetuou mais de 60 mil prisões, entre os quais o próprio Gandhi e Nehru. Semanas depois, a lei do sal foi revogada e o Vice-Rei convocou uma “mesa redonda” para 30 de Novembro do mesmo ano para estabelecer a plataforma do futuro

político da Índia. A conferência não chegou aos resultados almejados, mas chegou-se a um consenso para estabelecer as assembleias legislativas e ministérios locais em toda as províncias da Índia, deixando nas mãos dos ingleses apenas a administração central. Daí por diante toda a luta e as reivindicações indianas seriam para a conquista da administração central pelos indianos e reconhecimento do estatuto de domínio como primeira fase de independência total da Índia, isto é, um governo próprio dentro do império britânico com reserva da Defesa e Negócios Estrangeiros para os ingleses.

Lord Irwin, no seu relatório ao governo inglês, no fim desta conferência escrevia sobre Gandhi: «pequeno, fraco fisicamente, sem dentes da frente e sem adornos materiais. Contudo, não posso negar o Himalaia de força que se esconde atrás dos seus pequenos olhos brilhantes e a mente aguda e imensamente activa. Vejo já que levará o seu movimento até ao objectivo final que pretende, sem que possamos resistir por muito tempo.»

16. A entrada da Inglaterra na Segunda Grande Guerra modificou todos os dados da questão indiana. Os líderes, como Nehru que por vontade de Gandhi lhe sucedera na presidência do Congresso, não se opuseram a que a Índia tivesse sido levada a combater o fascismo pela mão dos ingleses, mas verberaram que o Vice-Rei tivesse declarado esta participação dos soldados indianos sem consultar o Congresso Nacional Indiano. Em troca destes milhões de soldados que iriam combater no Médio Oriente e contra o Japão na Birmânia e no Sudeste Asiático, os líderes nacionalistas exigiam a promessa imediata da declaração da independência da Índia logo no termo da guerra. Gandhi, devido à sua doutrina da não-violência, não podia aceitar o envio dos soldados indianos para o teatro de guerra mas, ao mesmo tempo, não queria que as potências do Eixo saíssem vencedoras do conflito. Como os ingleses tinham colocado na prisão todos os líderes principais do Congresso Nacional Indiano, Gandhi aproveitou a circunstância para se manter silencioso sobre o problema do envio dos soldados, mas aderiu ao grande movimento *quit India* («abandonem a Índia») que o Congresso, com a sua aquiescência, decretou contra os ingleses. No fim da guerra, o governo trabalhista inglês, presidido por Attlee, contra a vontade de Churchill e do partido conservador, começou a negociar com o Congresso a independência da Índia, mas a irredutibilidade de Jinh, líder da Liga Muçulmana, de querer um novo Estado para os muçulmanos dentro do subcontinente, veio complicar todos os planos pré-estabelecidos. Gandhi, que até à hora da morte nunca quis a divisão da Índia, e assim tinha acordado, nas demoradas conversações bilaterais que tivera antes do início da guerra com o governo britânico, quando compreendeu que a liderança do Congresso iria aceitar a divisão porque não havia outra solução, sem grande alarde retirou-se da política activa e não mais tomou parte em qualquer acto de conversações entre o Vice-Rei, o governo britânico e o Congresso, embora Nehru o mantivesse sempre informado de tudo. A sua última vontade, mesmo depois da partição, era ir ao Paquistão, afirmando-se cidadão deste país porque dizia que nenhum indiano deixava de ser cidadão do Paquistão, como todo o paquistânês era por definição um cidadão indiano.

Gandhi não esteve em Delhi na noite da independência a 15 de Agosto de 1947. Como alguém disse, para Gandhi, devido à partição, a independência não era uma vitória, mas um acto em que o exército que se considerava vitorioso tinha derrotado o seu próprio general.

A independência não podia trazer qualquer alegria ao Pai da Nação — «Enganei-me ao acreditar que o povo perfilhava a não-violência», sussurrou perante os grandes massacres e genocídios que se verificaram dias antes e depois da independência entre hindus e muçulmanos.

«Sou eu que estou errado ou é todo um conjunto de coisas que vai por mau caminho?», perguntou aos que estavam junto de si. Ao mesmo tempo reflectia «Nenhuma causa justa pode considerar-se perdida». Em Calcutá, horas antes da independência, entrou na casa de um muçulmano num bairro ensanguentado ainda com o fumo das casas incendiadas. «Não sou seu inimigo», disse Gandhi ao dono da casa que o recebeu de braços abertos, embora surpreendido. Diz Fisher, o seu grande biógrafo, que no meio de tanta tristeza, este foi um momento de pequena alegria para Gandhi, que descobrira a sua nova tarefa: minorar a dor, espalhar o amor e tornar todos os homens irmãos.

No dia 30 de Janeiro de 1948, às 4 da tarde, quando se dirigia para a sua oração do fim do dia, um fanático hindu, de seu nome Godse, assassinava Gandhi. «*Hareram*» (Oh, meu Deus), foram as últimas palavras que se lhe ouviram.

17. Para as gerações que lutaram pela independência da Índia, Gandhi foi um político de excepção: um grande árbitro e mediador entre ingleses e indianos, na África do Sul e, depois, na Índia, entre os racistas e os anti-racistas, entre os moderados e os radicais, entre os terroristas e os parlamentares, entre os intelectuais e as massas, entre os fundamentalistas religiosos e os intocáveis, entre os hindus e os muçulmanos, entre as velhas e as novas gerações de políticos.

Na religião, não foi formalista nem sectário. «Tentei chegar à perfeição para ver a face de Deus, sem nunca o atingir», escreveu. Procurou encontrar a Verdade em todos e cada um dos seus actos, pequenos ou grandes. Amou todos os indianos como a sua própria família. Nunca distinguiu as vitórias das derrotas no fim de cada acção em que tomava parte como necessária para a sua missão, pois só a acção lhe dava a satisfação íntima e o máximo consolo. O povo chamava-o “*bapu*” (pai) e ele era o pai da nação indiana. Foi com amor e devoção que serviu a Índia e o seu povo como parte da sua Verdade.

Nehru, quando anunciou à nação e ao mundo o infausto acontecimento da sua morte, disse com emoção esta frase: «“*The light has gone out*” a luz apagou-se. A luz que brilhou neste país era uma luz invulgar. Durante milénios esta luz será visível na nossa terra e o mundo vê-la-á fulgir».

Muitos anos antes, num 75.º aniversário de Gandhi, Einstein escrevera estas palavras lapidares: «Talvez as gerações futuras dificilmente acreditarão que alguém como ele, de carne e osso, tenha caminhado um dia sobre a terra».

18. Hoje, ao recordar Mahatma Gandhi, por estas modestas palavras que acabo de proferir, homenageamos todos aqueles que contribuem em qualquer parte para a Paz no mundo contra a violência, o racismo, o terrorismo, que são os grandes flagelos dos tempos que vivemos. Gandhi é para todos os que trabalham para a paz um exemplo a seguir porque a sua personalidade e a sua obra continuam a iluminar os caminhos do futuro.

(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos para Seniores, no ciclo de conferências A Paz e o Pacifismo, a 21 de Abril de 2016)